

PREÂMBULO

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E COMPORTAMENTO HUMANO

As máquinas (robôs) acham-se cada vez mais parecidas conosco, gerando-nos significativo desconforto, inquietação. Nossas interações com a inteligência artificial se espalham através de telemarketing automático, chatbot, nos aproximando já de relacionamentos cibernéticos diretos. Como nos comportar, nos comportar ante a inteligência artificial? Qual a nossa reação ante máquinas com aparência humana? Como lidar, nos adaptar, inverter nosso olhar, nosso pensar a essa nova, estranha e intrigante realidade? Questões sumamente inquietantes!

Há robôs avançados como os da série Geminoid desenvolvidos no Japão. Androides como Sophia, elaborados pela Hanson Robotics, que expressam emoções humanas (seu rosto foi inspirado na atriz Audrey Hepburn), mas nos parecem algo estranho, caricato, desconfortável e que, por vezes, geram medo, espanto, repulsa. O que, na prática, acontece com todas as réplicas humanas – bonecas, manequins, animações holográficas – pois suscitam sentimentos de aversão, quando não repugnância.

As palavras “robô”, “robótica” apareceram, pela primeira vez, em obras de ficção científica dos autores Karel Capek e Isaac Asimov. O primeiro a pensar sobre a reação da mente humana ao lidar com robôs – seres que nós mesmos criamos – foi o psicanalista alemão Ernst Jentsch em seu ensaio “Zur Psychologie des Unheimlichen” (“Sobre a psicologia do estranho”, tradução aproximada em português) onde ele aponta o desconforto, a inquietação, o arrepio provocados pelas emulações de seres humanos, quando, por exemplo, você visita um museu de cera. O talentoso escritor alemão E.T.A. Hoffmann – conhecido por suas obras de ficção – já afirmava que uma das melhores formas de produzir arrepios no leitor é deixá-lo com a incerteza – ou seja em suspense ou ambiguidade – se um personagem é humano ou um autômato ou mutante.

Na década de 1970, o engenheiro japonês Masahiro Mori observou que o mesmo efeito – a estranheza – afetava as pessoas diante de mecanismos automáticos com aparência humana (representação antropomórfica), gerando, preliminarmente, intensas e momentâneas reações negativas até que nos acostumarmos. O cientista denominou este estágio de “uncanny valley” (“vale da estranheza”) O prof. Hiroshi Tshiguro da Universidade de Osaka, no Japão, criou já seu sócia cibernético.

O notável físico britânico Stephen Hawking (falecido em 2018) era cético quanto às implicações de uma super-evolução no campo da inteligência artificial. Em entrevista à BBC, opinou que “o desenvolvimento da inteligência artificial poderia afetar a raça humana, pois os homens – limitados pela lenta evolução biológica – não conseguiriam competir e seriam suplantados”. Eis o caso de ciborgues assassinos como em “O exterminador do futuro” interpretado por Arnold Schwarzenegger e ainda de situações como as séries WestWorld e o game Stattom Pla4 Detroit

E como nos comportaríamos, por outro lado, em nossos contatos com alienígenas, seres de outras dimensões ou civilizações cósmicas? Segundo o astrofísico Avi Loeb, da Universidade de Harvard, provavelmente “será chocante, porque temos vieses de nossas próprias experiências; imaginamos que os outros seres são similares a nós, quando talvez sejam radicalmente diferentes” “Nós humanos, pensamos que somos especiais, mas a humanidade mostrou, repetidas vezes, que isso é uma ilusão. A crença de que a Terra era o centro do universo foi desbancada com a descoberta de que ela girava em torno do sol, o qual gira em torno de nossa galáxia, que é apenas uma dentre bilhões de outras no universo. Sabemos que há condições de vida semelhantes às da Terra em um quarto de todos os sistemas planetários em torno de outras estrelas. Por que, então, não haveria seres inteligentes em outros lugares e decerto com tecnologias avançadas?!”

Pamplona esteve aqui

São recorrentes, entre as pautas do nosso boletim, as jornadas de desbravadores, pesquisadores e outras personagens históricas nas Vertentes. Não seria diferente com o controverso Inácio Correia Pamplona, cujas expedições durante governos coloniais cruzaram - ao menos - Coronel Xavier Chaves, Resende Costa, São Tiago e Oliveira (incluindo o distrito de Morro de Ferro) no século XVIII. Mais especificamente há 250 anos atrás.

Pág. 04

Solidariedade Cristã

"Anos 80. Preparativos para uma grandiosa festa em São Tiago: bênção da Igreja Senhor dos Montes – Deus e Pátria –, templo artisticamente construído com inúmeras pinturas. Internamente, belas passagens bíblicas; externamente, lembranças dos grandes feitos e de vitórias dos pracinhas brasileiros nos campos da Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Monsenhor Elói, capitão-capelão militar da Força Expedicionária Brasileira, idealizador dessa majestosa obra de arte sacra e cívica, pensou em todos os detalhes desse dia, não economizando desgaste físico ou emocional". Um impasse, porém, mudou os rumos da solenidade. Confira essa história em texto de D.Carlita Coelho.

Pág. 09



A ciência

Ainda sobre descobertas e pesquisas, o Sabores & Saberes traz um apanhado de artigos envolvendo desde Isaac Newton, passando por Einstein, questões astronômicas e reflexões sobre o universo.

Confira a partir de:

Pág. 10

O rei que enlouqueceu

"Eu tinha trinta anos quando o rei enlouqueceu. Vimos chegar a tropa em nossa aldeia, com o capitão à frente. Eles pararam diante da igreja. O capitão afixou ali uma declaração. Ele nos olhou firmemente, montou no cavalo e se afastou, seguido pela tropa. A declaração estava assinada pelo rei. Na verdade, o rei nos pedia para mudar, para não sermos mais como antes. Ele nos tirava o cura, o estalajadeiro. Quanto aos impostos e à construção de estradas, dizia-nos para fazer o que quiséssemos e que o capitão não mais se ocuparia disso".

Pág. 16

ADIVINHAS

- 1- Qual é o doce preferido do átomo?
- 2- Por que a vaca foi para o espaço?
- 3- Como o elétron atende ao telefone?
- 4- Qual a comida que liga e desliga?

Respostas: 1- Pé de molecula. 2- Para se encontrar com o vácuo. 3- Próton. 4- O Strog-on-off

Provérbios e Adágios

- DINHEIRO não traz felicidade, mas ajuda a sofrer em Paris.
- DINHEIRO de trouxa é farra de sabido.
- DINHEIRO, na mão, escorrega que nem sabão.
- DINHEIRO e mulher bonita é que governam o mundo.



Para refletir

• Compaixão não é uma relação entre o curador e o ferido. É uma relação entre iguais. Somente quando conhecemos bem a nossa escuridão, podemos nos mostrar presentes na escuridão do outro. A compaixão se torna real quando reconhecemos a humanidade que compartilhamos.

(Pema Chodron, monja budista americana)

• O ser humano só vê com clareza no mundo exterior o que consegue irradiar com a luz de seu interior.

(Rudolf Steiner)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Mariane Carla Fonseca.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Leticia Stefany dos Santos Santiago

AO PÉ DA FOGUEIRA O BILONTRA

Empresário sofisticado, de família conceituada, residente nas redondezas – pessoa bem conhecida e controversa, tida como astuta, oportunista, dado a conquistas amorosas, daquelas cheias de subterfúgios, tartufices, com quem se lidava “com um pé atrás”. Pelo menos, para os que já o conheciam – e muito bem! Inadimplente notório, com atrasos nos acertos, regateador, questionador, criador de casos, enfim um suplício para os comerciantes e Instituições Financeiras.

Realizava, à época, reformas em seu imóvel rural, sede de fazenda tradicional, adquirindo, para tanto, material de construção em estabelecimentos comerciais locais, além de insumos para as suas atividades habituais da propriedade – rações, medicamentos agroveterinários, arames etc. Os serviços de reforma, que se arrastaram por meses, tinham chegado ao fim. Fato de conhecimento geral. Nada do freguês, contudo, aparecer para acertos – que somavam bons números - junto às casas comerciais, especialmente duas – uma de material de construção, outra de insumos agrícolas. Mandam-lhe recados, em vão. Encaminham cobranças por SM, boletos, que não foram quitados pelo sacado. Chegam a incluí-lo no SPC e uma das firmas fez protestos em cartório. Inutilmente.

Ambas as empresas, como praticamente todo o comércio à época, tinham, contudo, o mesmo sistema de processamento ou procedimento - apenas físico, com emissão de notas de venda ou de balcão, em duas vias, uma para o freguês e a outra – extraída em cópia carbonada – para a empresa, sem controle informatizado. Muitas vezes, as compras eram realizadas por portadores, com simples anotações de saída da mercadoria, o que implicava em confiança para com o freguês, mas insegurança para a empresa. O método, todavia, fazia parte da cultura da época.

Certa manhã, o vivaldino aparece. Estaciona o vistoso carro a certa distância. Manhã chuvosa, ventosa, movimento reduzido nas vias públicas e no setor comercial. Dirige-se primeiramente à loja de materiais de construção, estando ali, naquele momento, unicamente um funcionário. Pede ao atendente para ver sua ficha ou prontuário de débitos, incluindo todas as notas de vendas, pois desejava conferi-las, o que é acolhido, de pronto. Passa a manusear as notas, na verdade finge fazê-lo. Nesse ínterim, uma rajada forte de vento adentra o recinto, derrubando algumas mercadorias expostas, momento em que o freguês diz ao balconista (este assoberbado em recolher as peças lançadas ao chão): - Vou ali no carro buscar o dinheiro. Não mais retornaria, levando consigo todos os comprovantes das compras ali realizadas.

Dali, o folgazão, o bilontra dirige-se ao outro estabelecimento de venda de artigos e insumos agropecuários, este de maior envergadura, onde encontra alguns fregueses em torno ao largo balcão. Fica por ali sapeando, flauteando, até ver atendido o último freguês – oportunidade em que se dirige à moça do caixa, exibindo a carta de cobrança que recebera daquela empresa. Alega já ter pago, que mandara o dinheiro por terceiros, que estava sendo cobrado indevidamente, que tomara drásticas medidas legais e babugeiras outras. Que gostaria de ver as notas de vendas em poder da firma para conferência. Ambiente, a essa altura, desvanecido, deserto, nenhum freguês ou sequer um transeunte na redondeza externa. A funcionária remexe, compulsiva arquivos, deles retirando um maço de notas, entregando-o ingenuamente ao recém-chegado. Este, agindo, uma vez mais, dentro de seu conhecido script, simula manuseá-las, finge somar utilizando-se dos dedos, e num átimo, enfia-as no bolso, afastando-se rapidamente do local. A moça, estupefata, tenta dizer algo, chegando a gritar por socorro. Ao que o embusteiro grita-lhe já da rua, enquanto adentrava a vistosa camionete.

- Bando de safados! Idiotas! Veja agora se devo alguma coisa nessa espelunca!

Prejuízos contabilizados e atualizados nas duas firmas – cerca de 80 mil reais!



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



Aves observadas

Observado, dia 03 de julho último, pelo amanhecer, na zona urbana (Catimbau e Praça da Matriz) um casal de mutum-de-penacho. Trata-se de um galiforme de aproximadamente 83 cm, pesando em torno de 2,7kg, da família Cracidae, classificação ornitológica *Crax fasciolata fasciolata* (crax – do grego kras, keras (cabeça, crista); fasciolata – do latim fasciolata, fasciolatum (com faixas, com bandas) Nome em inglês: bare faced curassow. Catalogado por Spix em 1825, o mutum-de-penacho ocorre no Brasil nas regiões central e sudeste.

Ave de difícil avistamento na mata, embora de considerável porte. Conhecida também como “mutum pinima”, em especial no Pará e Maranhão (pinima é termo tupi-guarani que significa “cheio de pintas”, “rajado”) O macho é preto com a região da barriga branca e a fêmea tem a plumagem listrada (preto e branco), cabeça e pescoço escuros, peito canela e barriga bege. Habita as florestas, de preferência as mais densas. Vive aos pares ou em pequenos grupos familiares. De temperamento arisco, inquieto, com tiques nervosos, abrindo e fechando a cauda, sacudindo lateralmente a cabeça, eriçando seguidamente o penacho. Alimenta-se de frutos, folhas e brotos de plantas e ainda de caramujos, gafanhotos, pequenos anfíbios e répteis. Já foram observados junto a galinhas domésticas, arribando, porém, ao primeiro sinal de aproximação de um ser humano. Faz ninho sobre as árvores; a fêmea choca de 2 a 3 filhotes, incubação de 30 dias em média. Os filhotes já nascem espertos, acompanhando os pais durante alguns meses.

MUTUM DE PENACHO



GARÇA AZUL (GARÇA AZULADA OU GARÇA MORENA)

Exemplar adulto visto recentemente nas regiões do Córrego Fundo e Içara.

Nome científico *Egretta florida caerulea*, classificada por Linneus em 1758 (Caerulea – do latim caeruleus – cor do céu, azul celeste). Em inglês: Little blue heron. Ave pelecaniforme, da família ardeidae (Leach 1820) de cerca de 60 cm de comprimento. Quando adulta, apresenta plumagem cinzento-azulada (azul ardósia) com cabeça e pescoço violáceos; o bico, tarso e dedos anegrados. Quando jovem é de cor branca com transição para o “malhado” com as pernas “esverdeadas”, os olhos com íris amarelado-claros.

Alimenta-se de pequenos invertebrados e peixes. Vive isolada ou em grupos espaçados de 2 ou 3. Seus ninhos são plataformas construídas de gravetos, geralmente em manguezais, localizados de 2 a 3 metros acima da linha d’água ou do solo. Põe de 2 a 5 ovos azuis. Além de manguezais, vive em terrenos alagadiços, rios, sendo mais comuns nas regiões costeiras. Presente em todo o litoral brasileiro com ocorrência em outras regiões interioranas.



1769-2019 250 ANOS DA PASSAGEM DA EXPEDIÇÃO DE INÁCIO CORREIA PAMPLONA POR NOSSA REGIÃO

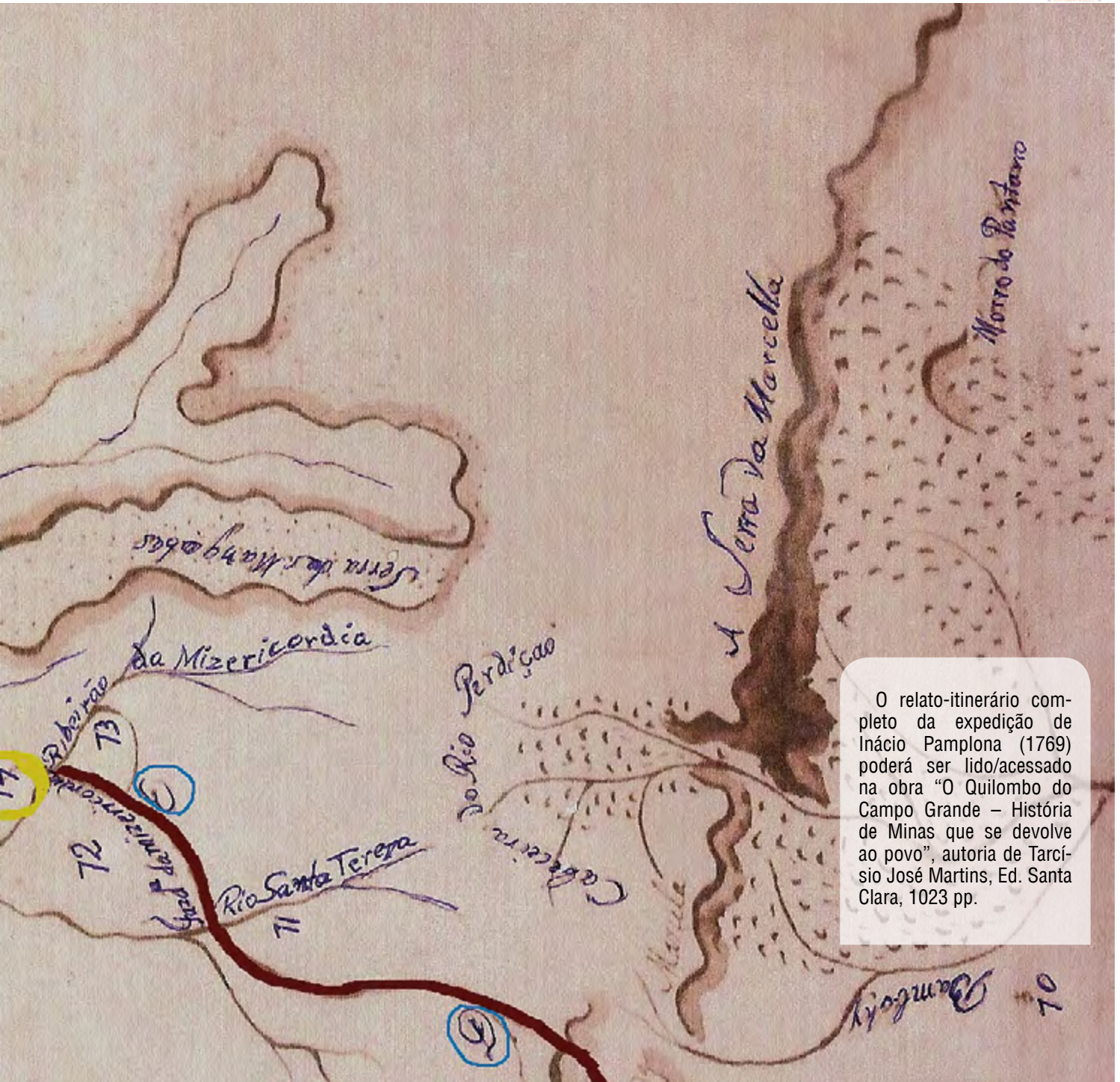


Em 20 de agosto de 1769, a expedição comandada pelo mestre de campo Inácio Correia Pamplona passou por nossa região a caminho do Sertão do Campo Grande para, oficialmente, combater quilombolas e índios rebeldes. Saída da Fazenda do Capote, em Lagoa Dourada, no dia 18 de agosto de 1769, a expedição atravessaria, em nossa região, terras hoje componentes dos municípios de Coronel Xavier Chaves, Resende Costa, São Tiago, Oliveira (incluindo o distrito de Morro de Ferro) etc. atravessando o chamado “Sertão do Campo Grande” atingindo a região atual de Patrocínio.

Pamplona comandaria, ao todo, 6 expedições – nos anos de 1764, 1767, 1769, 1773, 1781, 1782 - à região das nascentes do Rio São Francisco e adjacências durante os governos coloniais de Luís Diogo Lobo da Silva (1763-1768), José Luís de Menezes Castelo Branco Abranches,

Conde de Valadares (1768-1773) e Dom Rodrigo José de Menezes (1780-1783). Pamplona tornar-se-ia um potentado, suserano, um semideus, conquistador e civilizador do sertão, igualado por seus companheiros de jornada e mesmo algumas autoridades coloniais a um personagem mitológico, épico, dado seus propalados feitos guerreiros. Homem que fazia questão de resolver pendências judiciais, prender e punir criminosos, matar inimigos em especial silvícolas, quilombolas e mesmo brancos. A ele são atribuídas inumeráveis arbitrariedades, confiscando terras de posseiros, destruindo povoações sob o pretexto de serem redutos quilombolas (na verdade, eram agrupamentos de pessoas simples e pacíficas, geralmente brancos pobres e negros livres) e tantas outras ações nefandas, no mínimo questionáveis.

Visto hoje por muitos historiadores como um ditador e



O relato-itinerário completo da expedição de Inácio Pamplona (1769) poderá ser lido/acessado na obra "O Quilombo do Campo Grande – História de Minas que se devolve ao povo", autoria de Tarcísio José Martins, Ed. Santa Clara, 1023 pp.

mistificador, fraudando informações, sendo, portanto, uma personalidade controversa, ambivalente, tendo importante e inegável papel, seja para o bem ou para o mal, no desbravamento e ocupação dos sertões (Centro Oeste, São Francisco e Triângulo Mineiro)

Sabe-se hoje que o objetivo principal das expedições era anexar o Triângulo Mineiro ao território mineiro, mediante o combate aos habitantes do sertão considerados "bárbaros" ou seja quilombolas, gentios e vadios – contra quem foram feitos terríveis massacres - e a exploração de minas e riquezas, com o selo da administração colonial mineira. Inácio Pamplona tornar-se-ia, contudo, mais conhecido – tristemente - como um dos delatores da Inconfidência Mineira. Faleceu em sua chácara no bairro de Matozinhos, São João Del-Rei, em 1810, de forma agoniada e atormentada, como relatam seus escritos enviados a seu filho o Pe. Iná-

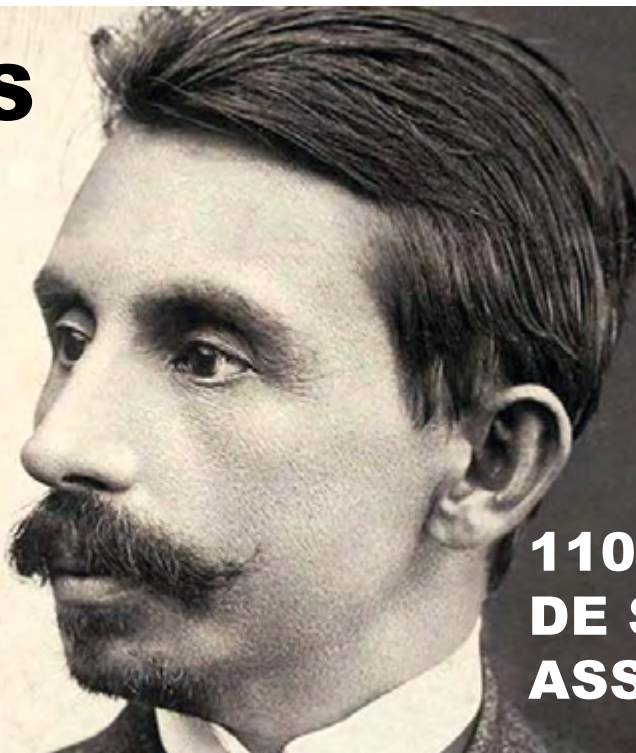
cio Correia Pamplona Corte Real.

Alertamos em edições anteriores quanto a passagem da expedição de Pamplona, ao ensejo de seu 250º aniversário, e que deveria atrair, a nosso ver, a atenção de pesquisadores regionais e ainda de nossas autoridades públicas, através de organismos como a AMVER, universidades, academias de letras, institutos históricos e geográficos. Daí nossa alerta em edições anteriores, como sabemos, inutilmente.

Sobre o assunto (Passagem da Expedição de Inácio Correia Pamplona - 1769) ver ainda matérias em nosso boletim n. XCIX dezembro/2015 e CXXXIII outubro/2018.

(Fonte: "Quilombo do Campo Grande – História de Minas que se devolve ao povo" – Tarcísio José Martins, pp. 981 a 2021).

EUCLIDES DA CUNHA



**110 ANOS
DE SEU
ASSASSINATO**

Euclides da Cunha foi um conceituado engenheiro, jornalista e escritor brasileiro. De família pobre, nasceu em Cantagalo, Estado do Rio de Janeiro, aos 20/01/1866 e faleceu assassinado, por motivos passionais, na cidade do Rio de Janeiro aos 15/08/1909, aos 43 anos. Sepultado no Cemitério de São João Batista, recebendo intensas homenagens. Filho de Manuel Rodrigues da Cunha Pimenta e Eudóxia Alves Moreira da Cunha, ficou órfão de mãe aos 3 anos, passando a viver em casa de parentes em Teresópolis, São Fidélis, Rio de Janeiro e ainda na Bahia.

Estudou no Colégio Aquino, na Escola Politécnica (onde ingressou em 1883, sendo aluno de Benjamim Constant) e na Escola Militar da Praia Vermelha. Membro da Escola Superior de Guerra e bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Oficial e engenheiro militar (1º tenente), construiu inúmeras obras ferroviárias no interior do País. Participou ativamente do movimento republicano. Em 1897, tornou-se jornalista correspondente de guerra, passando a cobrir, a serviço do jornal “O Estado de São Paulo” a “Guerra de Canudos”, conflito entre o Exército Brasileiro e sertanejos da Bahia, liderados por Antonio Conselheiro.

Seus escritos renderam-lhe a publicação de “Os Sertões” (1902), uma monumental obra, um chamado à consciência da terra e do homem, de notável valor literário-social, na qual relata as infâmias da guerra fratricida e o dilema da sociedade interiorana brasileira, negligenciada e espoliada pela Metrópole (Estado) e pelas elites.

Homem de letras e armas, qual um artista renascentista, sua obra é um consórcio entre a ciência e a arte. Euclides trabalha muito bem o léxico, com palavras e figuras de linguagem precisas, gerando uma inigualável riqueza verbal. Um escritor culto, com preocupações humanas, sociais e ambientais que a Nação, em especial a República implantada em 1889, até hoje não conseguiram resolver. Segundo o prof. Leopoldo Bernucci, da Universidade da Califórnia, a obra de Euclides da Cunha ganha, cada vez mais, destaque e reconhecimento nacional e internacional, havendo sobre ela milhares de estudos (bibliografia crítica), superiores até mesmo sobre os de Machado de Assis.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1903, além de membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Considerado

pela crítica como um escritor pré-modernista. Viajou ainda pelo norte do Brasil, a serviço do governo, em árduas campanhas de demarcação de divisas (fronteiras com países vizinhos), oportunidade em que denunciou igualmente o abandono de nosso povo – em especial dos seringueiros – e de nosso território pelos governantes do País. Trabalhou ainda no Itamarati como assessor do Barão do Rio Branco. Polêmico, foi solidário aos revoltosos da Armada durante o governo de Floriano Peixoto.

Seu casamento, em 1890, com Anna Emília Ribeiro (“Saninha”⁽¹⁾) filha do Major Sólton Ribeiro, um dos líderes da proclamação da República (1889), foi marcado pela infidelidade da esposa que manteve relacionamento extraconjugal, passando a viver com o militar Dilermando de Assis (com quem ela teria seis filhos). Ao buscar reparar a infâmia familiar e social, Euclides foi assassinado pelo amante da esposa – um exímio atirador militar - aos 15/08/1909, crime rumoroso e escandaloso que passaria à história como “A tragédia da Piedade”, bairro da zona norte do Rio de Janeiro⁽²⁾. Diz-se que o primeiro a chegar ao local do crime foi o escritor Coelho Neto, que, de imediato, telegrafou ao presidente da República Nilo Peçanha e ainda ao Barão do Rio Branco e a Rui Barbosa.

Os detratores de Euclides da Cunha apontam-no como homem de temperamento difícil, por vezes incontrolável, e que era portador de enfermidade mental meningóica, provocada por parasitose adquirida em suas longas viagens pela Amazônia.

O ESCRITOR - Euclides da Cunha deixou dezenas de textos literários, técnicos, políticos, relatos de viagens publicados em jornais e revistas da época. Sobre sua vida e sua obra há ainda filmes, documentários, séries de TV, óperas (dentre elas “Os sertões” autoria do maestro e compositor francês Fernand Jouteux), peças teatrais, além de vários livros de renomados autores como Mario Vargas Llosa (“A guerra do fim do mundo”), Lucien Marchal (“O mago do sertão”) etc. A minissérie “Desejo” da TV Globo contou a história romaneada da tragédia que ainda hoje impacta o País.

NOTAS

(1) Anna Emília Ribeiro da Cunha, por apelido “Saninha”, nasceu em Jaguarão, Rio Grande do Sul, aos 18/06/1872 e faleceu na Ilha de Paquetá, RJ, aos 12/04/1951, aos 78 anos. Após o seu 2º casamento com Dilermando de Assis – que assassinara seu 1º marido, o famoso escritor Euclides da Cunha – passou a assinar Anna Emília Ribeiro de Assis. Foi ela o pivô de um dos mais célebres crimes passionais e um dos maiores escândalos da história brasileira.

Euclides da Cunha, forçado a viajar pelo País, dada as suas atividades de engenheiro e jornalista, permanecendo a família no Rio de Janeiro, sua esposa envolveu-se com um cadete, 16 anos mais jovem do que ela, daí surgindo um tórrido romance de trágicas consequências. Teve Anna Emília com Euclides da Cunha 5 filhos e com Dilermando de Assis com quem se casou após este assassinar seu marido, mais 6 filhos. Dilermando de Assis – que seria absolvido em todos os processos a que respondera pelo assassinato, defendido pelo famoso criminalista Evaristo de Morais – chegaria ao posto de general de Exército, morrendo de câncer em 1951, aos 63 anos.

Dilermando de Assis foi levado a julgamento no dia 04/05/1911, sendo absolvido sempre com o argumento de “legítima defesa”. A tragédia não se encerraria aí. No dia 04/07/1916, Euclides da Cunha Filho, então militar da Marinha, ao tentar vingar a morte do pai, viria também a ser morto pelo então Ten. Dilermando de Assis, absolvido do novo crime por um tribunal militar em 27/09/1916, sob a justificativa de sempre “legítima defesa”

(2) Filhos de Euclides da Cunha: Mauro (1906), Manoel Afonso (1901), Euclides Filho (1894), Sólon (1802), Eudóxia.

Euclides Filho, o Quidinho, seria também assassinado por Dilermando

de Assis (nota 1). Quidinho tinha um ódio incontrolável para com o assassino de seu pai. Os ânimos se exacerbaram ao saber que Dilermando requerera e seria concedida a tutoria de seu irmão Manuel Afonso da Cunha, filho de Euclides, então com 15 anos. Dirigiu-se Quidinho ao cartório do 2º Ofício da 1ª Vara de Órfãos do Rio de Janeiro, por volta das 13h, ali encontrando Dilermando. Após troca de tiros, assim como seu pai, Quidinho seria assassinado pelo algoz da família, militar extremamente hábil em tiro. A revista carioca “Caretta” em sua edição de 08/07/1916 investiu duramente contra a Justiça que “libertou um assassino e queria entregar uma criança ao matador de seu pai”.

Sólon, um outro filho de Euclides da Cunha, foi igualmente assassinado no dia 06/05/1916 na cidade de Tarauacá, no Acre, onde exercia as funções de delegado; segundo algumas fontes, fora ele morto, em serviço, em confronto com bandidos em um seringal; segundo outros, fora ele atingido “acidentalmente” (na verdade, propositalmente, de acordo com suspeitas de jornais da época) por trás, por um soldado, que o acompanhava na missão policial. Mais um dos trágicos fatos que envolveram a família de Euclides da Cunha.

OBRAS – “Os Sertões” (1902)

“Peru versus Bolívia” (1907)

“Contrastes e Confrontos” (1907)

“Relatório da Comissão Mista brasileiro-peruana de reconhecimento do Alto Purus” (1906)

“À Margem da História” (1909)

“Ondas” (poesias – 1960)

“Canudos – Diário de uma expedição” (1939)

A OBRA ‘OS SERTÕES’

“Os Sertões”, um dos maiores clássicos da literatura brasileira, publicado em 1902, trata da Guerra de Canudos (1896-1897) no interior da Bahia, da qual Euclides da Cunha participou como correspondente do jornal “O Estado de São Paulo”. Seu escopo artístico-científico – uma epopeia da vida sertaneja na sua luta incessante contra a paisagem áspera e a incompreensão das elites – envolve contextos de sociologia, geografia, história. O crítico literário Alexei Bueno considera “Os Sertões” uma das três grandes epopeias da língua portuguesa, ao lado de “Os Lusíadas” de Camões e “Grande Sertão: Veredas” de Guimarães Rosa. Uma obra relevante e ainda muito estudada no mundo acadêmico. Muitas cidades ligadas fortemente ao autor realizam a chamada “Semana Euclidiana”, em especial no interior de São Paulo.

“Os Sertões”, pelo uso de muitas figuras de linguagem, de regionalismos, neologismos e termos técnicos, revela um estilo angustiado, torturado e de mais alta erudição. Obra concebida de acordo com o rigoroso determinismo de Taine, que via o homem como produto de 3 fatores: meio ambiente, raça e ambiente histórico, conceitos hoje tidos como superados. O determinismo considerava o mestiço brasileiro uma sub-raça fadada ao desaparecimento por força da civilização.

Como grande contribuição às ciências sociais, “Os Sertões” – obra ainda atualíssima – separa a nação brasileira entre povos litorâneos e interioranos. No litoral, o desenvolvimento político-econômico; no interior do País o atraso econômico, subjugando suas populações à fome, à miserabilidade, ao analfabetismo. Para Euclides da Cunha tanto o litoral quanto o sertão encontravam-se em estágios de barbaridade social, ambos praticantes do fanatismo e da intolerância e para tanto bastava ver a crueldade com que os republicanos militaristas atacavam os religiosos de Antonio Conselheiro.

A obra, em consonância ainda com o pensamento evolucionista de Spencer, busca compreender as singularidades de cada elemento – no caso as populações interioranas e litorâneas como elementos de um todo chamado Brasil.

“Os Sertões” divide-se em 3 partes: a terra, o homem, a luta. Na “Terra” são estudados o relevo, o solo, a fauna, a flora, o clima da região nordestina. Nada supera, segundo o autor, a principal calamidade do sertão: a seca, que de forma cíclica,

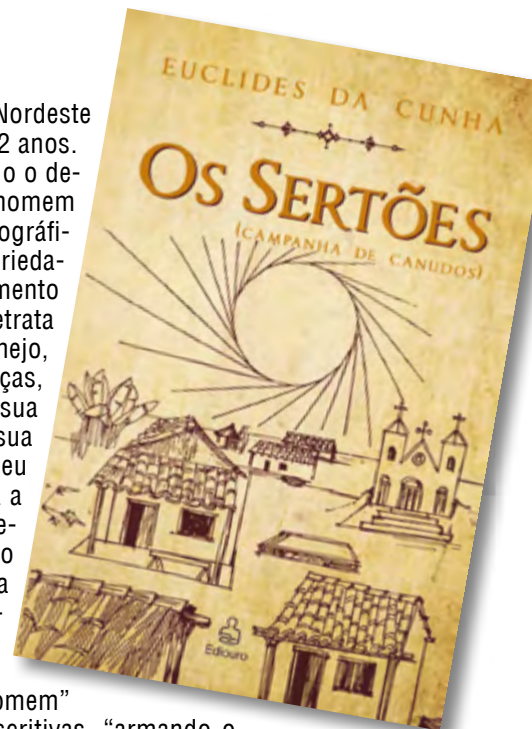
cabalística, assola o Nordeste brasileiro a cada 9 ou 12 anos.

“O Homem” – segundo o determinismo de Taine, o homem é produto do meio (geográfico), da raça (hereditariedade) e da cultura (momento histórico)⁽¹⁾. O autor retrata a psicologia do sertanejo, seus costumes, crenças, o habitante do lugar, sua relação com o meio, sua gênese etnológica, seu comportamento e ainda a figura de Antonio Conselheiro, o líder messiânico de Canudos. Apresenta seu passado, seu caráter, relatos da vida e costumes de Canudos.

As partes “Terra” e “Homem” são essencialmente descritivas, “armando o palco” e introduzindo cenário e personagens para a verdadeira história – a Guerra de Canudos.

“A Luta” – o autor narra o que foi a Guerra de Canudos, explicando com riqueza de detalhes, os fatos de guerra que dizimariam toda a população de Canudos. O Exército mobilizaria praticamente todas as suas forças para enfrentar e destruir Canudos, uma pequena e pobre aldeia no interior da Bahia. São relatadas as 4 expedições militares a Canudos, os quadros dolorosos – dos quais o autor foi testemunha ocular – da fome, peste, miséria, violência, a insanidade da guerra. Retrata minuciosamente os movimentos das tropas, além das individualidades das ações e casos isolados ou marcantes dos trágicos acontecimentos da guerra. Não deixa ainda de denunciar as atrocidades praticadas pelas tropas republicanas – um dos muitos e tantos genocídios contra o povo do País. Não só Canudos, mas tantas outras comunidades interioranas, isoladas, entregues à própria sorte, como Contestado, foram exterminadas pelas forças governamentais.

De forma enfática, Euclides da Cunha assim encerra “Os



Sertões”: “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado, palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que

todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados (...) Ali estavam, no relevo das circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura” (2).

NOTAS

(1) *Euclides da Cunha, de forma autocritica, acabaria por desmentir as teorias positivistas, ao mostrar, em suas palavras, homens e mulheres interioranos de fibra e coragem, com força física e com inteligência, longe de serem uma horda de fanáticos primitivos como apregoavam o Exército e o Governo Republicano, viveram momentos dramáticos de intensa humanidade, defendendo até a morte, seu líder, sua religião, suas casas, seus filhos, sua civilização enfim.*

(2) *Para autores como Clóvis Moura, Alex Castro, “Os Sertões” é o retrato do Brasil com sua exuberância e esquizofrenia, com sua carga de preconceitos, inconstâncias e ambivalências. É um clássico que nos fala diretamente, em função de nossa contradição interna, de um País com as fraturas e mazelas sociais constantemente expostas, que nos incomodam, nos desnudam e repercutem inapelavelmente, ainda insolúveis, mesmo passados mais de um século de sua edição.*

Recomendamos ainda a obra “O Sertão prometido: o massacre de Canudos” Robert M. Levine, Edusp (possível de ser baixado ainda em pdf).



Extraído do livro
 “O mais estranho dos países”
 de Paulo Mendes Campos
 Editora: Companhia das Letras
 Págs.: 156 a 159



ELEIÇÃO DA DIRETORIA DO IHGST É DECIDIDA POR ACLAMAÇÃO

Depois da publicação do edital, os membros interessados em formar chapas poderiam se inscrever e registrá-la na secretária do IHGST - Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago até às 18h do dia 27 de maio. Porém não houve chapas inscritas.

A Assembleia Geral foi realizada no dia 28 de maio de 2019 e dirigida pelo atual presidente sócio Décio Coelho e pela sócia Maria de Lourdes (Cairu), presidente da Comissão Eleitoral. Durante a Assembleia, o presidente Décio fez um balanço das suas atividades frente ao IHGST e comentou sobre outros trabalhos que estão sendo executados. Em comum acordo pelos sócios presentes, respaldados pelos procedimentos da eleição segundo as normas estatutárias e regimentais do IHGST decidiram por aclamação que a atual diretoria desse continuidade a mais um mandato, com algumas alterações.

Assim, foram eleitos e tomaram posse os membros da Diretoria e Conselho Fiscal, com a responsabilidade de dirigir o IHGST para o triênio (2019-2022). A direção do IHGST ficou constituída dos seguintes membros: Diretor-Presidente: Décio Jonas Coelho; Vice-presidente: Sérgio Antônio Mendes Nogueira; 1º Diretor-Secretário: Marcus Antônio Santiago; 2ª Diretora - Secretária: Carlita Maria de Castro e Coelho; 1º Diretor-Tesoureiro: José Faria Santiago; 2º Diretor-Tesoureiro: Efraim Antônio de Marcos; Diretora de Relações Públicas: Salima de Carvalho Caputo Fernandes; Curadora/Administradora do Memorial Santiguense: Maria de Lourdes Rezende (Cairu). Conselho Fiscal - Efetivos: Janete Aparecida Silva Vieira Costa, Paulina Feliciano Viegas e Eni Maria de Oliveira. Suplentes: Tássio Túlio Mendes de Resende, Zely Rezende, Maria Lúcia Lara Andrade.

O presidente reeleito agradeceu a todos indistintamente pelo apoio, parceria e companheirismo na união de ideias e objetivos em prol da cultura, história e memória do município de São Tiago.

Na ocasião foi feito o lançamento do livro – “Em nome da fé: Trajetória e Memórias do Padre Tiago de Almeida” da coleção Vertentes Cultural de autoria do SICOOB CRÉDIVERTENTES.

Setor de Comunicação do IGHST

SOLIDARIEDADE CRISTÃ

Anos 80. Preparativos para uma grandiosa festa em São Tiago: bênção da Igreja Senhor dos Montes – Deus e Pátria – templo artisticamente construído com inúmeras pinturas: internamente, belas passagens bíblicas; externamente, lembranças dos grandes feitos e vitórias dos pracinhas brasileiros nos campos da Itália durante a Segunda Guerra Mundial.

Mons. Elói, Capitão-capelão Militar da Força Expedicionária Brasileira, idealizador dessa majestosa obra de arte sacra e cívica, pensou em todos os detalhes desse dia, não economizando desgaste físico ou emocional. Fez questão de convidar altas autoridades do Exército Brasileiro, expedicionários de seu tempo de guerra e de paz, autoridades eclesiais e civis de toda região.

Era grande a expectativa do povo santiaguense para participar de tão bela celebração e relembrar, através dos hinos cívicos que seriam apresentados pela Banda de Música do Batalhão do Exército de São João del-Rei, ressaltando o civismo dos pracinhas brasileiros.

Amanhece o dia tão esperado. A Casa Paroquial já está repleta de visitantes ilustres. Muitos vieram de véspera. Ainda chegam mais amigos. O anfitrião, feliz, emocionado e já portando as medalhas e insígnias do expedicionário da FEB, sobrepostas à batina de sacerdote, a todos acolhe com o carinho e o respeito do autêntico militar. Lembranças são partilhadas: alegres, tristes, saudosas, emocionantes.

De repente um telefonema quebra o rumor da conversa. Mesmo na mesa do café, ao lado dos companheiros, Mons. Elói recebe a triste notícia de que um antigo amigo de Desterro de Entre Rios – onde fora pároco no início dos anos 40 – havia falecido. A família ainda faz-lhe o doloroso convite para que celebre a Missa de Corpo Presente e Exéquias, pois Mons. Luís Quintino, o pároco, está hospitalizado.

É visível a tristeza de Mons. Elói! Com a ternura que lhe é peculiar, diz estar muito sentido e solidário com a dor da família, mas, infelizmente, não vai poder estar presente explicando seus justos e compreensíveis motivos.

Pe. José Casimiro, pároco de Nazareno, interrompe o telefonema, pedindo licença:

- Irei substituí-lo nesta celebração, Monsenhor.

- Mas o senhor veio para a festa. Não é justo...

- Vim para a festa, mas diante desse imprevisto, eu vou celebrar em Desterro. Monsenhor ainda insiste, porém diante da segurança do Pe. Casimiro, ordena a Zélia Reis:

- Peça ao Noé que prepare o carro para levar o padre a Desterro de Entre Rios. Tudo pronto e preparado. Viagem tranquila, conversa interessante, chegam ao destino.

A família, consternada, acolhe o padre até então estranho naquela comunidade. A celebração é altamente solene. Palavras de solidariedade são partilhadas. A família sente-se reconfortada, mais forte na fé e na certeza da misericórdia divina.

Depois de terminado o sepultamento, que Pe. Casimiro acompanhou até o cemitério, a família, em sinal de gratidão, oferece-lhe almoço em sua casa e pergunta-lhe na despedida:

- Quanto devemos ao senhor?

Pe. Casimiro responde, sempre com a maior segurança:

- Nada. Participei simplesmente de um gesto de caridade e solidariedade cristãs. Que Deus os abençoe!

Três décadas depois, encontrando-me com ele em Mercês de Água Limpa, comentei esse fato.

Pe. Casimiro, com o sorriso mais angelical e simples que lhe era próprio, disse-me:

- Foi mesmo. Nem me lembrava mais de tal acontecimento.

Carlita Maria de Castro e Coelho





“Se fui capaz de ver mais longe, é porque me apoiei em ombros de gigantes” (Isaac Newton)

Isaac Newton (1643-1727) foi um cientista, astrônomo, filósofo natural, teólogo, químico, físico inglês, um dos precursores do Iluminismo e um dos maiores sábios de todos os tempos. Nasceu aos 04-01-1643 em Woolsthorpe-by-Colsterworth, um vilarejo na região centro-nordeste da Inglaterra e faleceu aos 31-03-1727 em Kesington, Inglaterra, aos 84 anos. Quando nasceu, a Inglaterra achava-se em plena guerra civil (1641-1649), sob o comando de Oliver Cromwell, que derrubara a monarquia absolutista, na época comandada pelo rei Carlos I. Viveria Newton em uma Inglaterra sob monarquia parlamentarista, sob o reinado de Jaime II, que adotara a liberdade de expressão (1689) e inaugurara o estado burguês.

Órfão de pai (falecido antes de seu nascimento) ficou inicialmente aos cuidados de uma avó. Sua mãe desejava que ele fosse agricultor. Estudou na The King's School, sempre com histórico escolar admirável, passando a frequentar em 1661, aos 18 anos, o Trinity College da Universidade de Cambridge.

Realizou inúmeras descobertas como a lei da gravitação e a dinâmica e natureza das cores. Seu livro “Principia” é considerado a mais importante obra científica até hoje escrita, o alicerce de toda a moderna ciência física e matemática. Escreveu também sobre química, alquimia, teologia. Construiu o primeiro telescópio refletor. Formulou leis sobre resfriamento e velocidade do som e várias sobre óptica. Vários de seus livros foram escritos em latim.

Newton sempre esteve envolvido com questões filosóficas, religiosas, teológicas e ainda com a alquimia, demonstrando profundo conhecimento a respeito desses temas. Como matemático, contribuiu para o estudo das séries de potências; generalizou o teorema binomial para expoentes não inteiros e desenvolveu métodos para aproximação das raízes de uma função.

O ensino da época era baseado na doutrina aristotélica, tendo Isaac Newton complementado seus estudos com escritos de René Descartes, Nicolau Copérnico, Galileu Galilei e Johannes Kepler. Aprofundaria seus estudos sobre geometria, seguindo os ensinamentos de René Descartes, se introduzindo em estudos de altas matemáticas. Ao estudar as leis de Kepler sobre o movimento dos astros no universo, Newton desenvolveu seus estudos quanto ao movimento dos corpos, enunciando as três leis da mecânica (lei da

inércia dos corpos, lei da força resultante num corpo e lei da ação e reação) de fundamental importância para entender o movimento dos corpos e daí a gravitação universal.

Newton era pessoa dotada de personalidade sóbria, temperamento arredo, solitário, difícil e sobremaneira modesto. Jamais demonstrou interesse ou habilidades para negócios. Não se casou. Sumamente dedicado ao trabalho, não fazia amizades com facilidade. Um de seus poucos e maiores amigos foi seu discípulo e também cientista Jean Theophile Desaguliers (1683-1744), clérigo da Igreja Anglicana, cofundador da Royal Society e alto membro da maçonaria inglesa. Outro amigo foi Robert Boyle, filósofo, físico e químico irlandês, considerado hoje um dos pais da química.

Possuidor de rica e extensa biblioteca, incluindo livros de ciências, teologia, filosofia, línguas, literatura clássica e bíblica, misticismo. Era cristão zeloso, de fé anglicana, dado, porém, a profundos e exaustivos estudos de alquimia, escatologia e profetismo bíblico. Crítico da Igreja, considerando-a como deturpadora dos ensinamentos bíblicos, traduziu parte da Bíblia diretamente do hebraico, de forma a evitar o viés de versões manipuladas. Era membro da Sociedade Rosacruz, e que exerceria sobre ele marcante influência, debruçando-se sobre seus ensinamentos esotéricos e filosóficos, nos processos e habilitação à iluminação e ao conhecimento da natureza, do universo e do reino espiritual. Seus escritos alquímicos sobre profetismo e cronologia bíblica, aos quais se dedicou por cerca de três décadas, ocultam-se, muitas vezes, atrás de jogos de palavras, alegorias e imagens, no intuito de esconder segredos e evitar expor publicamente seus pontos de vista sob o risco de ser perseguido e condenado. Era, em suma, um homem de personalidade controversa, com opiniões religiosas claramente não ortodoxas à época e com vinculações não convencionais, quando não inusitadas – hermetismo, alquimia, profetismo bíblico.⁽¹⁾

Na Universidade de Cambridge, onde se tornaria professor aos 27 anos de idade, desenvolveu inúmeras teses e trabalhos revolucionários – dentre eles sobre a luz, eletricidade e ótica – que passaram a ser divulgados por seu professor o famoso matemático Isaac Barrow, granjeando-lhe reconhecimento da comunidade científica. Já em 1665, aos 22 anos, desenvolveria o teorema bino-

mial. Embora combatido por alguns cientistas, Isaac Newton recebeu, em 1664, o apoio do astrônomo Edmund Halley. Newton foi presidente da Academia de Ciências da Inglaterra (Royal Society) por 24 anos (até a sua morte em 1727) e condecorado Sir.

Sepultado na Abadia de Westminster junto a outros célebres homens da Inglaterra. A causa provável de sua morte, segundo biógrafos: complicações renais. Sofreria ele igualmente da síndrome de Asperger. Seu epitáfio foi escrito pelo poeta Alexander Pope: “A natureza e as leis da natureza estavam imersas em trevas. Deus disse “Haja Newton” e tudo se iluminou”

Em seu livro de memórias, Newton escreveu: “Não sei o que posso parecer aos olhos do mundo, mas aos meus, pareço apenas ter sido como um menino brincando à beira-mar, divertindo-me em

encontrar, de vez em quando, um seixo mais liso ou uma concha mais bonita que o normal, enquanto o grande oceano da verdade permanece completamente desconhecido à minha frente”

Poucas semanas antes de falecer, em 1727, fôra observado quemando caixas cheias de manuscritos, provavelmente sobre alquimia e esoterismo. Ao lado de densos estudos científicos, Newton levava a vida estudando secretamente a arte milenar da alquimia e códigos bíblicos. Há quem afirme que muitas de suas revolucionárias descobertas são frutos de seus trabalhos alquímicos. Sem dúvida, um dos homens mais famosos e intrigantes do mundo em todos os tempos e um dos cientistas, ao lado de Einstein e Darwin, mais influentes da história, tido como o “pai” ou o “homem que revolucionou a ciência moderna”

NOTAS

(1) Um manuscrito escrito em latim e inglês existente na Chemical Heritage Foundation (Fundação do Patrimônio Químico) nos EUA, recém publicado, revela as tentativas de Newton em produzir o “mercúrio sófico”, substância chave no processo alquímico para produção da “pedra filosofal”

Newton desenvolveria ainda complexas investigações teológicas com relação às profecias de Daniel e o Apocalipse de S. João. Escreveu longas análises sobre as dimensões do Templo de Salomão, a partir das descrições dadas em Ezequiel 40-48. Era ele um grande admirador do rei Salomão, a quem considerava o primeiro rei do mundo e o seu templo o primeiro a ser construído. Realizou digressões sobre a ocorrência de diversos fatos históricos antigos, buscando conciliar as datas judaicas e pagãs compatíveis. Dessa forma, datou a guerra de Troia em 904 a.C, ou seja 500 anos mais tarde que outros estudiosos.

APLICAÇÕES METAFÓRICAS DAS LEIS DE NEWTON

As leis de Newton podem ser aplicadas, por metáforas, à construção humana. Em 06/07/1687, vem à luz o seu livro “Princípios Matemáticos da Filosofia Natural” que traz as três leis do movimento e a lei da gravitação universal, de onde podemos extrair as seguintes aplicações:

I. Todo corpo continua em repouso ou com movimento uniforme a menos que aquele estado seja alterado por uma força. É também conhecido como princípio da inércia. A maior parte dos homens passa pela vida em estado de inércia, aguardando uma oportunidade que raramente chega ou em desesperada correria à procura de melhorias materiais que deem sentido às suas vidas, a não ser que uma poderosa força externa mude esse estado de coisas. Essa força externa, muitas vezes, pode ser a fé.

II. A mudança do estado depende da força aplicada. É também conhecido como princípio da dinâmica. Necessária ao ser humano a renovação, revisão e reciclagem de conhecimentos, com a emersão de valores éticos e espirituais buscando-se uma nova visão do mundo e a noção de nossa responsabilidade coletiva e com ações que tornem a sociedade mais justa, equânime, aperfeiçoada.

III. A toda ação há sempre uma reação igual e contrária. É o também conhecido princípio da ação e reação. Mudar é uma das atitudes mais difíceis, quer para o homem, quer para a sociedade que sempre buscam se acomodar em uma zona de conforto. Devemos buscar mudanças interiores, fugindo ao comodismo e atuarmos também na transformação social, ainda que nossas atitudes possam incomodar e serem consideradas desestabilizadoras.

IV. A lei da gravitação universal diz que dois corpos se atraem por meio de uma força que depende de suas (forças) e da distância que há entre elas. Eis um grande segredo, uma grande realidade. Pessoas de bem atraem pessoas iguais, formadas pela mesma massa ética e espiritual. Ao contrário, agentes do mal atraem pessoas do mesmo calibre, independentemente da fortuna ou da instrução, como comprovam os recentes fatos de corrupção por todo o nosso País.

A física quântica, que é a ciência dos corpúsculos, dos infinitamente pequenos, ensina que todo o universo é formado pela mesma substância primordial – a energia – conforme a famosa equação de Einstein $E=mc^2$. Todos os átomos e suas partículas subatômicas são formados por energia, nós somos formados por energia e as leis da física quântica que atuam sobre as partículas também atuam sobre as pessoas, produzindo, produzindo realidades, acontecimentos.

Em experiências científicas inúmeras vezes relatadas, como a partícula Boson ou partícula de Deus, aprendemos que os átomos reagem à ação do observador, interagindo como energia. Isso nos remete à lei universal da atração, que diz que o pensamento é uma emissão de ondas, vibrações positivas ou negativas e que podem

criar realidades. A esse foco do pensamento, costumamos chamar de perseverança, determinação ou fé, mas qual for o nome que se dê a ele, o fato é que o nosso pensamento cria fatos e realidades em nossa vida, em nosso dia a dia. E assim podemos influenciar pessoas, governos, nações, sempre procurando tornar o mundo um lugar melhor para se viver. Começando por nossa própria casa, nosso bairro, nossa cidade, a união de forças energéticas, a que se denomina egrégora, podemos lapidar as facetas menos evoluídas de nossa personalidade e assim construirmos homens melhores, com postura ética e comportamento digno e admirado por toda a sociedade. Enfim, tornarmo-nos cada dia melhores, trabalhando o presente e mirando o futuro.



O PRIMEIRO QUILOMBO DO AMBRÓSIO

Intróito – Temos comentado assiduamente quanto à relevância histórico-geográfica de nossa região, quer como receptora das primeiras sesmarias concedidas pelo governo colonial na “Picada de Goiás”, a partir de 1736/1737, quer como passagem/itinerário de tropas, expedições, viajantes, demandando o “sertão” ou o litoral e ainda como produtora/fornecedora, ao longo dos tempos, de viveres, alimárias, mesmo homens para a chamada “conquista dos sertões”.

Abordamos já nas páginas de nosso boletim (ed. CXIX, agosto 2017) a passagem por nossa região da expedição comandada pelo Cap. Antonio João de Oliveira, que, por determinação oficial, em agosto de 1746, atacou a Primeira Povoação ou Quilombo do Ambrósio, que compunha o chamado Quilombo ou Confederação Quilombola do Campo Grande. Temos em que havia o registro e queixas de raptos, roubos, assassinatos promovidos por quilombolas em toda a vasta região (Sertão do Campo Grande) com insegurança para moradores, viajantes e autoridades. Tratou-se de operação onerosa e de tamanho vulto que o governador Gomes Freire requisitou às câmaras municipais de Vila Rica, São João Del-Rei e Sabará a cota-contribuição de 2.750 oitavas de ouro. Retomamos o assunto, lembrando que considerável contingente de sua tropa foi arregimentada em nosso meio.

Quando da abertura da “Picada de Goiás” (1736/1737), deparou-se com povoações e comunidades de pretos forros, escravos fugidos e “gentalha”, em companhia de alguns grupamentos paulistas, que haviam se instalado nos sertões, fuscando ouro em ribeirão e córregos, cultivando plantações, os paióis cheios de mantimentos. O governo colonial, à frente os Governadores Martinho de Mendonça e Gomes Freire de Andrade, passou a considerar tais povoações como “quilombos” e seus habitantes como “bárbaros matadores” e a serem destruídos a qualquer custo.

Objetivo das expedições era “limpar” o interior do território mineiro, dando continuidade e estabilidade ao povoamento do Centro-Oeste e Alto São Francisco, numa verdadeira guerra e frente avançada contra quilombos, sendo uma delas a chefiada pelo Cap. Antonio João de Oliveira, em 1746, à frente de 300 homens fortemente armados (assunto abordado em nosso boletim CXIX – agosto/2017). A região, zona de cerrados mais plana e própria à agricultura, em contraposição às escarpas pedregosas e terras menos férteis da região mineradora. Os próprios fazendeiros estabelecidos nessas paragens, onde ocorria a presença ou frequência de quilombolas, apoiavam e até financiavam as expedições, garantindo a posse das terras e quando participavam das operações de

guerra, conseguiam a recompensa de uma ou mais sesmarias, fortalecendo e ampliando seu patrimônio e a exploração rural.

Vejamos/relembramos alguns aspectos histórico-documentais do fato.

O governador Gomes Freire de Andrade, em carta escrita de Vila Rica, de 06-04-1745, dirigida ao governador da Capitania de São Paulo, diz (redação adaptada/aproximada ao português atual) “...tenho infestado o caminho de São João (del Rei) a Goiás, com um quilombo, segundo dizem, de mais de seiscentos negros armados” (APM Códice SC 84, fl.75).

Em outra carta escrita de Vila Rica, datada de 08-08-1746 (curiosamente só enviada em 19-04-1747) endereçada ao Rei, o governador Gomes Freire afirma: “*Há mais de vinte anos que em distância da comarca de São João Del Rei para a parte chamada de Campo Grande, entre a dita comarca e a de Goiás, principiou-se a formar um troço de negros aqui vulgarmente chamado quilombo e há anos se tem aumentado...*” “*...resolvi castigar essa coleção de bárbaros (...) depois de ouvidos os homens mais capazes (...) os mandei com cabos inteligentes destruir, não só este maior quilombo, mas outros menores, que se sabe conservarem-se em diferentes partes (...) pus em marcha a dita tropa com o regulamento que entendi próprio para sua conservação e bom efeito da expedição; não falta quem afirme que os negros hão de se opor a disputar o sucesso fiados no mundo, mas o meu discurso está firme, enquanto esperando eles, ou na trincheira, ou no campo, serão destruídos, pois um corpo de flechas não tem partido com outro que ataca com armas de fogo e parte da tropa coberta de couro cru que defende o tiro de flecha e outra parte armada de baioneta*” (AHU verbete n. 4022, cx 49, doc. 27, CD 15) “*Se extinto o grande quilombo, Vossa Mercê, como entendo, continuará no ataque aos demais, obrará em todo o referido nesta instrução, tanto na forma de fazer guerra como na remessa dos presos*”.

Em outra carta datada de 22-07-1746, escrita de Vila Rica, endereçada ao capitão mor da vila de São João Del-Rei, Manoel da Costa Gouveia, o gov. Gomes Freire ordena-lhe que recrute mais tropas no Brumado, encaminhando-as, sem falta, ao “sitio dos Curtumes, adiante da Ponte Alta, aonde acharão o capitão Antônio João de Oliveira, cujas ordens seguirão para execução de uma diligência mui importante ao serviço de Sua Majestade” (APM Códice SC 84, fl. 111). As tropas recrutadas em Congonhas, Ouro Branco, Conselheiro Lafaiete, Prados, Entre Rios de Minas e São Brás do Suaçuí foram, dessa forma, reunidas no Sítio dos Curtumes⁽¹⁾ para dali partirem para a guerra contra os quilombos.

Davam-se assim os retoques finais à poderosa expedição destinada a combater o quilombo ou povoação do Ambrósio, que hoje, sabe-se, ficava na região de Cristais, estendendo-se aos hoje municípios de Aguanil, Guapé, Formiga e ainda a Alpinópolis, Arcos e Carmo do Rio Claro.

O citado gov. Gomes Freire, em carta escrita de Vila Rica, expedida ao capitão-governador das tropas do Campo Grande, Antonio João de Oliveira, informa-o e orienta-o quanto aos preparativos finais para o deslocamento das tropas em 01-06-1746: “...mandei três ofícios de guerra às freguesias dos Carijós (Conselheiro Lafaiete), Congonhas, Ouro Branco e Prados para que deles tirassem e pusessem em marcha duzentos homens armados e ao capitão maior da vila de São João Del-Rei ordenei tirasse daquela vila e suas vizinhanças, sessenta homens armados que acompanhassem os outros sessenta que o Capitão Vicente da Costa Chaves tem a incumbência de aprontar...” “... que todos esses destacamentos estejam no dia nove de julho no sítio dos Curtumes, adiante da Ponte Alta, donde o dito Capitão Vicente da Costa há de por, ao mesmo tempo, todas as munições de guerra e boca que hei mandado juntar em sua casa e distrito...” (APM Códice SC 84, fls. 109v) Evidente que o governador sabia precisamente onde se localizavam os quilombos que determinara fossem atacados pelo Cap. Antonio João de Oliveira inclusive que tinham palanques e trincheiras e mesmo a distância a ser percorrida pelas tropas “...como se fazia preciso que a tropa marchasse mais de cinquenta léguas até o fim de setembro, não espero certeza do efeito da expedição...” (APM SC 45 fls. 64v/69).

Em carta ao rei, escrita em Vila Rica, aos 06-10-1746, o gov. Gomes Freire informa: “... recebi carta do comandante do dito corpo e me dá parte de haver atacado um quilombo de cento e tantos negros, que se defenderão no palanque com resolução grande, mais de vinte e quatro horas, de sorte que foi preciso atacá-los com fogo e dar terceiro assalto para render uma forma de trincheira a que se recolheram, depois de destruído o primeiro palanque, ficando vinte e tantos mortos, sessenta e tantos presos e grande número de negras e que saíram feridos quinze pessoas da tropa com a qual marchava a atacar os mais quilombos de que tinha notícia...”.

O mesmo conteúdo – notícias do ataque ao Quilombo do Campo Grande ou Quilombo do Ambrósio – acha-se registrado na “Carta da Câmara de Tamanduá (Itapecerica) à rainha D. Maria I, acerca dos limites de Minas Gerais com Goiás” (1793), infra relatado:

“...pela ordem de primeiro de julho e bando do primeiro de julho de mil, setecentos e quarenta e seis, determinou um esquadrão de dez companhias com perto de trinta homens cada e por chefe o capitão de cavalaria auxiliar Antonio João de Oliveira e para abastecimento de munições e armas e mais postos militares; subsidiaram com setecentos e cinquenta mil réis as Câmaras de Vila Rica, Sabará, São João (Del-Rei) e São José, marchando com fieis guias e esquadrão e o capitão Manoel de Souza Portugal acometeram o grande quilombo do Ambrósio e depois de sete horas de vigoroso combate e violento fogo com morte do dito Ambrósio intitulado rei e de muitos outros se renderam, ficando prisioneiros cento e vinte com vários negros e crias que se batizaram de dez e de doze anos e mais anos, de cuja conquista o dito excelentíssimo general apresentou na Secretaria do Estado dos Negócios do Reino e Ultramar duas cartas tipográficas” (Revista do APM, ano II, 1897, p. 376)⁽²⁾.

Roteiro da Expedição - A hipótese mais lógica quanto ao itinerário percorrido pela expedição, numa distância de “mais de cinquenta léguas”, é de que tenha partido do Sítio dos Curtumes (ver nota 1), passando por São João Batista (Morro do Ferro), Oliveira, Fazenda Curral (sul de Itapecerica), Tamanduá (Itapecerica), dali tomando o rumo sul, pela margem direita do rio Formiga, onde atacou o palanque e trincheiras dos negros, nos seguintes pontos: Balas (ou Morro das Balas), Ribeirão do Quilombo, Paiol etc. todos no município de Formiga. Dali as tropas “desceram”, sob o comando geral do Cap. Antonio João de Oliveira⁽³⁾, atacando a povoação do Ambrósio em Cristais⁽⁴⁾. As tropas, conforme os relatos oficiais, sobejamente preparadas e municadas, utilizaram armas de fogo, espingardas, reunas, pistolas, escopetas e até granadas, destruindo casas, paióis com mantimentos, armazéns e tudo o mais, numa verdadeira tática de “terra arrasada”.

NOTAS

(1) *Sítio dos Curtumes – divergem os historiadores sobre a sua exata localização. Segundo o historiador Tarcísio José Martins, “o mapa da comarca do Rio das Mortes registra no “caminho de São João a Goiás” duas localidades com o nome de Ponte Alta: a) uma, entre o Brumado (Entre Rios/São Brás do Suaçuí) e a capela de São João Batista (Morro do Ferro, sudoeste de Oliveira); b) outra, acima da Fazenda Barbosa, após a Fazenda de Formiga. Esta última, não tem em suas proximidades, qualquer toponímia que lembre o nome “Curtume (...). A noroeste de Cristiano Otoni, no município de Casa Grande, encontra-se o local chamado “Fazenda do Curtume”, às margens do córrego do Curtume, que nasce em Morro do Ferro, corre sentido L/O e deságua no rio Camapuã. Este, portanto, poderia ser o “Sítio dos Curtumes adiante da Ponte Alta” de que falou a carta de Gomes Freire. Localizei uma terceira Ponte Alta, seguida da toponímia “Curtume”, mais próxima da indicação do mapa de José Joaquim da Rocha. Essa Ponte Alta situa-se na divisa do nordeste de Ritópolis com o leste-sul de Resende Costa, havendo, no extremo norte de Ritópolis, divisas com o sudoeste de Resende Costa, um córrego com o nome de “do Curtume”, mais compatível com a indicação de “adiante da Ponte Alta” dada por Gomes Freire que escrevia de Vila Rica para São João Del-Rei” (“Quilombo do Campo Grande – A História de Minas roubada do povo”) (Raimundo José da Cunha Matos – “Corografia Histórica da Província de Minas Gerais – 1837” Edusp/Itatiaia, vol. II, p. 15) (APM Códice SC 84 fls. 111).*

(2) *No relato da Carta da Câmara de Tamanduá, há um equívoco: o rei Ambrósio não morrerá no citado combate. Juntamente a outros quilombolas sobreviventes, criariam o 2º quilombo do Ambrósio em terras dos hoje municípios de Ibiá e Campos Altos, destruído em 1759/1760 por Bartolomeu Bueno do Prado. Quanto às “duas cartas tipográficas” mencionadas, não foram, até o momento, localizadas pelos historiadores. As operações, ademais, fracassaram, pois, os mocambos dos negros fugidos ressurgiram e até se fortaleceram, re-credenciamento que levou a novas – e mais poderosas – expedições, dentre elas a chefiada por Bartolomeu Bueno do Prado, entre os anos de 1759/1760, no combate à 2ª Povoação do Ambrósio em Ibiá.*

(3) *Há poucos dados históricos sobre o Capitão Antonio João de Oliveira, falecido antes de 19-06-1759. Nesta data, sua esposa, Dª Brites da Costa, obteve do governador José Antonio Freire de Andrade a confirmação de outra sesmaria na “ao pé da serra do Camapuã”, que em vida fora vendida a João Pereira Caixote (verbete 6277 IMAR/MG cx.78, doc.79 AHU). Foi aquinhoadado com duas sesmarias no Camapuã (local onde acantonara e treinara as tropas de 1746) e outra em 24-03-1747 no lugar chamado “Lagoa, para cá da Serra da Boa Esperança”, exatamente no lugar indicado no mapa do Cap. Antonio Francisco França como 1ª povoação do Ambrósio, hoje terras que compõem o município de Cristais. (APM SC 90, fls. 36 a 37v, 24-03-1747).*

“Antonio João de Oliveira recebeu uma sesmaria, provavelmente já beneficiado com o que restou da utilização militar, no local chamado Pé da Serra de Camapuã, noroeste de Casa Grande. No entanto, consta outra carta de sesmaria concedida por Gomes Freire de Andrade em 24 de março de 1747 no local chamado “Lagoa, para cá da Serra da Boa Esperança”. O local deste seu segundo pedido de sesmaria fica exatamente ao sul da Primeira Povoação do Ambrósio, Cristais, MG” (Tarcísio José Martins – Quilombo do Campo Grande – História de Minas que se devolve ao povo” pp. 527/528).

Curiosidade – “Secretaria do Governo da Capitania – Informação de Serviço que faz a Câmara da Real Vila de Queluz sobre Manuel Cetano de Oliveira, dizendo que o mesmo possui enorme escravatura, além de fazendas de cultura e engenho de cana, sendo ainda neto do Capitão Antonio João de Oliveira, sujeito este que destruiu o quilombo do Ambrósio” (SG Cx.59, doc. 47 de 01/02/1804).

(4) *“Precursor do Quilombo Grande, o Quilombo do Ambrósio chegou a ter uma população de 1.000 negros. Era um sistema comunitário onde os quilombolas se distribuíam em grupos organizados para desempenhar diferentes funções importantes para a sobrevivência da comunidade. Os excursionistas ou exploradores assaltavam fazendas e caravanas; os campeiros e criadores criavam gado; os caçadores buscavam animais e carne nas matas; os agricultores plantavam, cuidavam das roças e produziam açúcar e farinha. Mas também destilavam aguardente de tão boa qualidade que inspirou um ditado popular ainda hoje muito conhecido: - “Cachaça de quilombo, é um gole e um tombo” Os alimentos estocados em paióis eram distribuídos, igualmente, entre todos, segundo a necessidade de cada um” (Quilombos e Neoquilombos de São João Del-Rei – <https://dretodesaojoaodelrei.blogspot.com/quilombos> e [neoquilombos de são joão](https://dretodesaojoaodelrei.blogspot.com/neoquilombos), acesso em 16/08/2018).*

(Textos-base: Obras do Prof. Tarcísio José Martins – citadas ao longo da matéria)

O UNIVERSO

O universo é, todo ele, Obra ímpar, excelsa, imperscrutável da Divindade. Pelos seus infindáveis orbes, sistemas, globos, órbitas, galáxias, dimensões, singulares, fenômenos assaz desconhecidos, por suas leis perfectíssimas, compõe-se o universo de uma rede de incomensurável solidariedade – massa cósmica, vasos magnificentes saídos das mãos do Celestial Oleiro, o Oniscientíssimo Geômetra.

Mundos planetários, consórcios constelacionais, incógnitas extensões disseminados pelo Cosmos, uma ínfima, apoteótica poção à nossa vista diuturna, que nossas mentes estupefatas sequer ousam mensurar. São as muitas moradas do Pai, os muitos apriscos do Divinal Pastor.

Astros e humanidades que observamos à noite, dos mais variados pontos e horários, na verdade, em nada estranhos. Paraísos perdidos, irmandades distantes, quiçá análogas, baloiçando, gravitando por dimanados mundos interestelares,

transgaláxicos. Majestosos templos do Senhor, adornados dos mais ricos, luminosos bordados, de cujos orbes e sóis espalha-se o mais aromático, incorruptível incenso da vida.

Terra, formoso planeta, apoucada casca de noz, esbelto cisne azul, a vogar pelo ondulante leito celeste, sob as mais incomensuráveis e sábias leis da Celestial Revelação, sob a assistência desvelada e invencível de Cristo, o Divino Timoneiro. Componente da contagiante, fulgente vida universal, também um elo dessa esfuziante corrente de Luz, Augusto Poder, a que nos achamos todos jungidos, planando dentre miríades de outros mundos habitados ou não, por mais afastados, esplende nosso pequenino orbe,

Em vão busca-se perscrutar quão longes, infinitos cenários, policrômicas distâncias, abismos, éteres, onde as anfractuosidades se suavizam, devaneios se fundem, restando-nos suspiros de embevecimento, temor, louvor!

CURIOSIDADES ASTRONÔMICAS

- O Sol é um milhão de vezes maior que a Terra e consume 600 milhões de toneladas de hidrogênio por minuto
- Nebulosas são as salas de parto do universo, onde nascem estrelas.
- Só a constelação de Órion conta com 300 bilhões de estrelas como o nosso Sol
- No universo observável - que corresponde aproximadamente a 28 bilhões de anos-luz – há, pelo menos, cem bilhões de sistemas estelares, cada um deles com uma média de 50 bilhões de estrelas. Uns 15 trilhões de sóis...

CURIOSIDADES SOBRE O CORPO HUMANO

- O corpo humano constitui-se de 100 bilhões de células, cada grupo com as suas funções, sua própria idade, seu próprio local, e estão em constante comunicação entre si. Somente no nosso cérebro, há bilhões de ligações e interconexões, tais quais as milhões de ligações entre estrelas e (as milhões) de galáxias.
- O cérebro executa bilhões de cálculos por segundo, numa rapidez superior a um computador.
- Seja na simetria de um cristal, na conformação de uma folha seca, em uma bola ou floco de neve, na grandeza de nosso corpo, a outros universos, tudo é maravilhoso, tudo é proclamação da Glória Divina! Como disse Albert Einstein: “Vida e morte se fundem e não há nem evolução ou destino – apenas o Ser”.

TEORIA DA RELATIVIDADE SUA COMPROVAÇÃO, HÁ 100 ANOS, EM UM ECLIPSE TOTAL DO SOL NO BRASIL



Há 100 anos um eclipse total do sol no Brasil comprovou a Teoria da Relatividade de Albert Einstein. Em 29 de maio de 1919 um grupo de cientistas ingleses, americanos e brasileiros se reuniram em Sobral, no Ceará, para observar um eclipse solar completo. Os olhos do mundo científico estavam então voltados para o Brasil ou melhor para Sobral, no Ceará. Na oportunidade, a partir de câmeras fotográficas acopladas em telescópios foram feitas imagens de estrelas posicionadas perto do Sol, mas que, por conta da luz do astro, não poderiam ser fotografadas em condições normais. O clima limpo do sertão cearense colaborou com a ciência e fotografias de alta precisão foram ali tiradas e posteriormente reveladas.

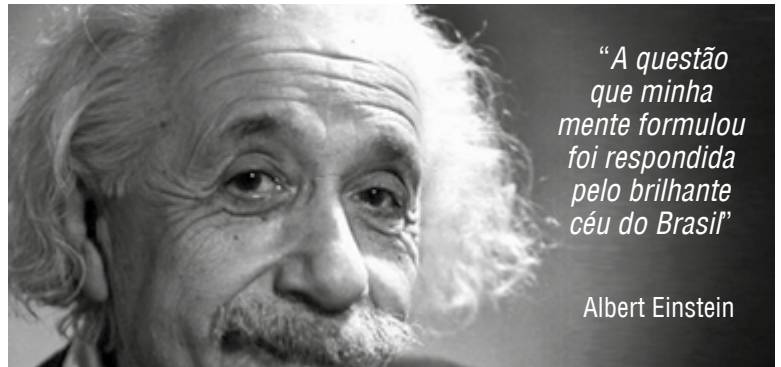
Dois meses depois, as mesmas estrelas foram registradas – só que à noite, sem interferência do Sol. Ao comparar as fotos das duas situações, os cientistas puderam perceber uma pequena diferença no posicionamento das tais estrelas, o que comprovou que a massa do Sol altera o percurso da luz ao redor dele.

Teoria da Relatividade – Dessa forma, a teoria de Einstein foi comprovada na prática. O cientista dizia, ao contrário do que defendia Isaac Newton na Lei da Gravitação Universal, que a velocidade da luz era a única constante do Universo e não o tempo. Einstein defendia ainda que a massa dos

corpos como o Sol, deformava o espaço próximo a eles – o que desviaria a trajetória de um feixe de luz.

Com as imagens obtidas em Sobral foi comprovado que os feixes de luz são desviados pela deformação ditada pela massa solar. Assim, a comunidade científica anunciou que é verdadeira a teoria de que quanto à mudança da posição de estrelas, devido à passagem de sua luz pelo campo gravitacional do Sol. Um corpo como o Sol, por possuir uma massa muito grande, acaba deformando o tecido do espaço-tempo à sua volta.

Posteriormente, Einstein declarou: “*A questão que minha mente formulou foi respondida pelo brilhante céu do Brasil*” A cidade de Sobral comemora tão marcante evento com um monumento em praça pública.



PRESENÇA DIVINA

Deus, após criar o mundo, viu que tudo estava bom. Céus, terras, viventes, tudo ordenado, tudo sábio, perfeito em todos os aspectos. Nada, nenhum til a ser jamais mudado. O Senhor e Criador governa o universo com suas propriedades, variedades, formas, cores, fulgores, criaturas e extensivamente o ser humano. Assim todo o signo de lutas, dores, ingratidão bem como manifestações de zelo, fidelidade, heroísmo que permeiam a humanidade em seu processo evolutivo, tornam-nos objetos da Bondade Maior, tarefeiros, escolhidos do Altíssimo.

Acima do ser humano, com suas inconsistências e relativismo, Deus age em Seu pleno poder, graça, santidade, glória. O Senhor, que nos tornou obreiros e arrendatários de Sua Vinha, nos quer imbuídos de preocupações com as coisas públicas, os direitos humanos, o meio ambiente, a condição física, social e espiritual do ser humano – nosso irmão, nossa família – mormente dos pobres, destituídos de bens e oportunidades, da própria liberdade. “*O viver mais para o próximo e menos para si*” (I Jo 3:16,17).

O Senhor realiza, a todo momento, prodígios portentosos, ainda que tidos, ante nossa miopia, como diminutos ou imperceptíveis. Fala-nos Ele, através dos tempos, pela boca dos profetas, irradiando Sua Divina Sabedoria, como uma



névoa a cobrir o orbe inteiro (Eclo 24,6), guiando-nos através da noite, servindo-Se de colunas de fogo (Ex 13,21), atuando pelas mãos e mentes de Seus filhos, soprando-nos luz em meio a tempestades e ante o assédio de potestades malignas.

Somos lavados pela água restauradora de Sua Misericórdia; somos transformados, expurgados das impurezas pelo dilúvio de fogo de Sua Justiça e de seu Amor e assim – como pregava São Luis Maria Grignon de Montfort - “*purificados para que o Reino habite, originando um “novo céu e uma nova terra*” (Ap 21,1) “*Emitte Spiritum tuum et creabuntur et renovabis faciem terrae*” (SI 103,30).



O REI QUE ENLOUQUECEU

Eu tinha trinta anos quando o rei enlouqueceu. Vimos chegar a tropa em nossa aldeia, com o capitão à frente. Eles pararam diante da igreja. O capitão afixou ali uma declaração. Ele nos olhou firmemente, montou no cavalo e se afastou, seguido pela tropa.

A declaração estava assinada pelo rei. Na verdade, o rei nos pedia para mudar, para não sermos mais como antes. Ele nos tirava o cura, o estalajadeiro. Quanto aos impostos e à construção de estradas, dizia-nos para fazer o que quiséssemos e que o capitão não mais se ocuparia disso.

Lemos e releemos o édito. Fomos ver o cura para que ele nos explicasse o que acontecia. Mas o pobre homem perdera a cabeça e se refugiara em seu presbitério, tendo depois partido, tal como o estalajadeiro, sem sequer nos dar adeus!

Por que o rei, afinal, nos abandonara?

Os camponeses olham uns para os outros sem dizer palavra. Antônio, o mais rico e mais inteligente, disse: - "O rei enlouqueceu". Ao longo dos meses, vivemos como órfãos ou pestilentos. Estávamos sem forças e tristes. Até que um dia, em pleno inverno, Antônio nos reuniu a todos e nos disse que havia nenhuma razão para suprimir a estalagem. Ele nos pediu para buscar vinho e encher os barris, mostrando que éramos homens, estávamos vivos.

Assim, ao meio dia, estávamos todos lá: homens, mulheres e crianças. Instalamo-nos na estalagem, onde acendemos uma grande fogueira na lareira. Com o vinho, levamos pão e queijo. Comemos, bebemos todos juntos. As crianças se puseram a brincar e as mulheres a tagarelar. Nós, esquecendo um pouco a aflição, começamos a cantar, a dançar e a rir.

Mas por que o rei nos abandonara?

Depois, à tardinha, reunidos em torno do fogo, mais calmos, pusemo-nos todos a falar, os homens de um lado e as mulheres de

outro. Num certo momento, Lúcia pediu silêncio e tomou a palavra. Disse-nos que éramos preguiçosos, acomodados e que isso não podia continuar assim. Para começar, elas as mulheres, exigiam que lhes construíssemos uma lavanderia.

Antônio tomou a palavra. Ele desejava que as mulheres fizessem menos exigências, mas reconhecia, de bom grado, que elas precisavam de uma lavanderia. Acrescentou que os dois irmãos do moinho poderiam ocupar-se disso. O mais velho pediu quatro homens para ajudá-lo nesse trabalho. Vitor logo organizou equipes; Batista observou que também era preciso cuidar da estrada, que estava em péssimo estado. Para tanto, Vitor organizou novas equipes.

Mas, por que o rei nos abandonara?

Para encerrar aquela noite estranha, José, o louco, levantou a mão, pedindo a palavra. Estouramos de rir, mas Antônio ficou agastado e disse que José tinha os mesmos direitos que todos e que falaria. Assim, pela primeira vez, escutamos José. Ele disse docemente que adoraria fazer um jardim diante de sua casa.

Estava quase amanhecendo quando fomos dormir. A partir daquele momento, tudo havia mudado e nada havia mudado. As mesmas dificuldades, os mesmos encargos... Mas nós, nós não éramos mais os mesmos. Hoje, há uma bela estrada cortando o lugar e uma grande lavanderia.

E, um dia, o rei voltou... No início, ficamos muito decepcionados. Ele simplesmente veio, sem comitiva, sem armadura, montado numa simples mula. Ele sorriu o dia inteiro enquanto passeava por ali. Partiu à tarde, tendo na lapela uma flor que José lhe oferecera. E foi, então, quando ele desapareceu pela nossa estrada toda nova, que compreendemos por que o nosso rei nos tinha deixado sós...

(Fonte: *Langages des Hommes*)